

PLATÃO *REPÚBLICA* VI 506 d 6 – VII 515 d 9: PROPOSTA DE UMA TRADUÇÃO LINEAR

HENRIQUE GRACIANO MURACHCO*
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo

RESUMO: *Neste texto pretendo mostrar como nas traduções de Platão e Aristóteles sobretudo o padrão seguido é o das traduções latinas, que apresentam dificuldades na tradução dos infinitivos e participios, abundantes em grego e muito poucos em latim. Aqui o enfoque é sobre “ver, olhar, enxergar, ser visto”, “olho, vista, visão”, “visível, visto, sendo visto”, cujas traduções nem sempre são corretas.*

PALAVRAS-CHAVE: *visão; vista; visível; visto; olhar; ver; ser visto.*

Introdução

O presente trabalho é fruto da experiência na sala de aula. Nenhum aluno do Curso de Grego de FFLCH da USP recebe seu diploma sem ter trabalhado pelo menos dois textos de Platão nas aulas de Língua Grega e de ter feito um ou dois trabalhos sobre algum aspecto literário ou filosófico de uma ou duas obras de Platão. Em geral, os textos trabalhados nas aulas de Língua são escolhidos em função das aulas de Literatura.

Há várias traduções da *República* de Platão em nossa biblioteca: três ou quatro em português, inclusive a mais recente de Maria Helena da Rocha Pereira, editada pela Gulbenkian; algumas em castelhano, francês, inglês, italiano, alemão, além da edição bilingüe Grego-Latim das Éditions F. Didot, Paris, 1830.

Mas, em nossas aulas de tradução, procuramos não levar em conta todas essas traduções e trabalhamos diretamente sobre o texto grego, procurando “deixar o texto falar”, sem intermediários e sem pré-conceitos.

Pois bem, no texto aqui proposto, 506d6 – 515d9, pudemos observar a reação dos alunos, ao compararem as diversas traduções entre si e a tradução feita por eles na sala de aula.

Nossa proposta sempre foi a seguinte:

1. Identificar os dois elementos essenciais do enunciado: sujeito (ὕποκειμένον) e predicado (ῥῆμα), isto é, aquilo de que se diz alguma coisa, ὕποκειμένον, e a coisa que se diz dele pelo verbo articulado, ῥῆμα, em que o sujeito está presente pelas desinências pessoais;
2. Identificar os casos e suas respectivas funções, tendo em vista não o mero formalismo gramatical, mas a relação orgânica, lógica, semântica deles dentro do enunciado;
3. Nos verbos, identificar sobretudo o aspecto (tempo interno do processo verbal) e o modo. A identificação do tempo externo, dêitico, se faz pelo contexto e pelos determinantes;
4. Na pesquisa do vocabulário, ao consultar o dicionário, privilegiar sempre o significado primeiro, etimológico, denotativo, concreto das palavras;
5. Fazer a primeira tradução *linear, severa, colada ao texto*. Não se deve trazer nada para o texto; não se deve abordar o texto a partir de interpretações desse ou daquele tradutor, dessa ou daquela época. Como foi dito acima, deve-se “deixar o texto falar”.

Não é tarefa fácil.

No início, os alunos têm muitas dificuldades e dúvidas, sobretudo quando já leram uma ou outra tradução “consagrada” e percebem que não é uma tradução “colada ao texto”, mas livre, literária e muitas vezes interpretativa. Via de regra é isso o que acontece nas traduções tradicionais dos textos gregos e latinos. Procura-se atrair o leitor moderno facilitando-lhe a leitura, tornando-a amena. Evidentemente há um conflito com a nossa posição, que é a de tornar o aluno rebelde, de só aceitar uma tradução depois de cotejá-la com o texto grego. O efeito é exatamente oposto ao que esperam as traduções tradicionais: nosso aluno prefere a tradução linear, colada, severa, porque é ela que lhe revela a sutileza, a inteligência e a arte de Platão; é ela que lhe permite um verdadeiro diálogo com o texto, que se torna necessariamente um diálogo com o autor.

Mas, vejamos o texto proposto para este estudo.

Trata-se da parte final do Livro VI e do início do Livro VII da *República*, em que, dialogando com Glauco, Sócrates fala do filho do Bem, da percepção do

Bem pela dialética, da importância do Sol para iluminar os objetos que são vistos e do Bem e a Verdade, que permitem à alma chegar ao inteligível.

Sócrates emprega um vocabulário preciso, que ora é traduzido de uma maneira ora de outra pelos tradutores modernos.

Todo esse vocabulário é referente à visão com os olhos e com a mente, e muitas vezes é difícil encontrar um termo ou uma fórmula equivalente em português e nas outras línguas modernas.

Contudo, não pense o leitor destas linhas que estamos fazendo um julgamento de valor das traduções modernas. São todas honestas, competentes, trabalhosas, em que cada um dos tradutores deu o melhor de si, e a leitura delas está muito longe de ser inútil.

O que pretendemos é fazer um cotejo com a tradução latina, que muitos tradutores modernos leram, e ver que também ela não é muito coerente, e, ao mesmo tempo, vamos propor a nossa tradução.

As nossas observações e opções virão na 3a. parte, sob o título de “Comentários”.

Tradução

PLATÃO. *República* VI 506 d 6 – VII 515 d 9.

[VI 506d6] SÓCRATES. Pois também a mim, companheiro, será suficiente, e muito; mas, de modo a que eu não fique sozinho e, ao insistir desajeitadamente, provoque o riso. Mas, meus alegres amigos, o Bem, o que por acaso ele é, deixemo-lo por agora, pois ele me parece maior para atingir do que pela presente tentativa; eu quero dizer, [e] pelo menos maior do que parece agora para mim. Ele, que é nascido do Bem e o mais semelhante a ele; e se isso também a vós agrada, está bem; se não, passemos.

GLAUCO. Pelo contrário, disse ele, fala; e mais tarde, de novo, tu nos devolverás a narração sobre o pai.

[507] S. Pudesse eu, disse, devolvê-la e vós recolhê-la. Mas, não como agora, só os juros. Esse juro aí, nascido do próprio Bem, tomai-o; mas, tende cuidado que de algum modo eu não vos engane sem querer, ao vos pagar a conta falsa dos juros.

G. Tomaremos cuidado, disse, na medida do possível; somente fala.

S. Pelo menos depois de ter chegado a um acordo, disse eu, e depois de vos ter feito lembrar o que disse antes e as coisas que foram ditas em outras ocasiões.

G. Que coisas?, disse ele.

[b] S. Muitas coisas belas, disse eu, e muitas coisas boas e cada uma delas nós afirmamos que são assim e as delimitamos pelo discurso.

G. É, afirmamos sim.

S. Então, também o próprio Belo e o próprio Bem e desse modo a respeito de todas as coisas que então colocamos como múltiplas, colocando novamente segundo uma só idéia (*ideam* – ἰδέαν) de cada uma, como se fosse uma só, nós denominamos “o que é” cada uma.

G. É, são essas coisas.

S. E também [dizemos] que umas são vistas, (*cerní* – ὀρθῶσθαι) mas não pensadas (*intelligi* – νοεῖσθαι); e que as idéias (*ideas* – ἰδέαι) são pensadas (*intelligi* – νοεῖσθαι) mas não vistas (*cerní* – ὀρθῶσθαι).

G. É, completamente.

[c] S. Então com o “que” de nós mesmos nós vemos (*cernimus* – ὀρώμεν) as coisas que são vistas (*quae cernuntur* – ὀρώμενα)?

G. Com a visão (*visu* – ὄψει), disse ele.

S. Então, disse eu, também ouvimos com a audição e com os outros sentidos (*sensibus* – αἰσθησῶν) todas as coisas sensíveis (*quae sentiuntur* – αἰσθητά).

G. Ora o que?

S. Pois não pensaste que o obreiro dos sentidos, (*sensuum* – αἰσθησῶν) quão mais perfeitamente ele trabalhou a faculdade de ver (*cernendi* – τοῦ ὀρᾶν) e de ser visto (*in conspectum veniendi* – τοῦ ὀρᾶσθαι)?

G. Não inteiramente.

S. Mas, observa deste modo: existe algo de outro gênero que é necessário à audição e à voz para aquela ouvir e para esta ser ouvida, um terceiro gênero, que, se não se fizer presente, aquela não ouvirá e a esta não será ouvida?

G. Nada é necessário, disse.

S. Pelo menos eu penso, disse eu, que nem a muitas faculdades, para não dizer a nenhuma, existe carência de [d] nada desse tipo; ou tu tens algo a dizer?

G. Não, eu não, disse ele.

S. E a da visão (*visus* – ὄψεως) e do visível (*quod cernitur* – ὁρατοῦ), não pensas o de que ela carece?

G. Como?

S. Existindo na vista (*oculis* – ὄμμασιν) a visão (*visu* – ὄψεως), e tentando o possuidor servir-se dela e existindo cores nas coisas, se não se fizer presente um [e] terceiro gênero, apropriadamente nascido para isso mesmo, tu sabes que a visão (*visus* – ὄψις) nada verá e as colorações serão invisíveis (*non cerni posse* – ἀόρατα).

G. O que é isso de que estás falando?

S. É claro que é o que chamas luz, disse eu.

G. É verdadeiro o que dizes, disse ele.

S. Então, não é por uma pequena idéia (*rerum genere* – ἰδέα) que o sentido do ver (*visus sensum* – τοῦ ὁρᾶν αἰσθησις) e a faculdade de ser visto (*in conspectum veniendi* – τοῦ ὁρᾶσθαι) foram ligados por um liame mais valioso do que [508] os outros laços, se é que a luz não é sem valor.

G. Ao contrário, disse ele, falta muito para ela ser sem valor.

S. Então, quem dos deuses no céu tu podes apontar como senhor disso, cuja luz faz a nossa visão ver (*visus cernat* – ὄψιν ὁρᾶν) o melhor possível e as coisas olhadas serem vistas (*oculis objecta* – quae uidentur – τὰ ὁρώμενα ὁρᾶσθαι)?

G. É o que também tu, disse, e os outros chamam: o sol; pois é evidente o que estás perguntando.

S. Logo, a visão (*visus* – ὄψις) está, de nascença, deste modo em relação a esse deus?

G. Como?

S. A visão (*visus* – ὄψις) não é o sol, nem ela nem o em que ela nasce, o que nós chamamos vista (*oculum* – ὄμμα).

[b] G. Na verdade não.

S. Mas, dentre os órgãos dos sentidos (*sensuum instrumentis* – αἰσθησεων ὀργάνων), ela é o que tem mais a forma do sol.

G. Muito mesmo.

S. Então, também a capacidade que ela tem, ela a possui fornecida a partir dele, como derramada sobre ela?

G. É sim.

S. Logo, também o sol não é visão (*visus* – ὄψις), mas, sendo o causador dela, ele é visto (*cernitur* – ὁρᾶται) por ela mesma.

G. É assim, disse ele.

S. Pois bem, disse eu, tenhas claro que é esse que eu dizia ser o filho do Bem, que o Bem gerou segundo ele [c] próprio, e o que ele é no espaço inteligível (*intelligibili* – νοητῶ) em relação à inteligência (*intellectum* – νοῦν) e às coisas que são pensadas (*quae intelliguntur* – νοούμενα), isso mesmo esse é no espaço visível (*visibili* – ὁρατῶ) em relação à visão (*visum* – ὄψιν) e às coisas que são vistas (*quae videntur* – τὰ ὀρώμενα).

G. Como? disse ele; explique-me mais.

S. Os olhos (*oculos* – ὀφθαλμοί), disse eu, tu sabes que, quando alguém ainda não os dirige para aquelas coisas sobre as quais não incide a luz do dia, mas sobre as quais incide a claridade noturna, eles vêm turvo (*obtusos esse* – ἀμβλυώπουσιν) e aparecem próximos de cegos, como senão houvesse uma visão (*visu* – ὄψεως) limpa.

G. É evidente, disse ele.

[d] S. E quando, creio eu, é sobre o que o sol espalha a luz, eles vêm (*cernunt* – ὁρῶσι) claramente e a visão (*visum* – ὄψις) se revela estar na própria vista (*oculis* – ὄμμασι).

G. O que?

S. Pois bem, pensa deste modo também em relação à alma: quando é sobre o que a verdade e o que é espalham a luz, ela pousa nele, ela o pensa e o reconhece e parece ter inteligência (*intellectum* – νοῦν); e quando ela pousa no confundido pela escuridão, isto é, o que nasce e o que perece, ela emite opiniões e vê turvo (*caecutit* – ἀμβλιώττει), jogando com as opiniões para cima e para baixo e parece com o que não tem inteligência (*intellectu* – νοῦν).

G. É, parece.

[e] S. Pois bem, o que fornece a verdade às coisas que vão sendo (re)conhecidas (*intelliguntur* – γιγνώσκομενοις), e que dá a capacidade ao que (re)conhece (*intelligenti* – γιγνώσκοντι), dize (tu) que é a idéia do Bem, e raciocina que é a causa da ciência e da verdade enquanto conhecidas, e assim, sendo ambas belas: o conhecimento e a verdade, julgando ser ele diferente e ainda mais belo do que elas, tu pensarás corretamente.

[509] É como é correto pensar ali a ciência (*scientiae* – ἐπιστήμης) e a verdade serem a luz e a visão (*visum* – ὄψιν) com forma do sol, mas não é correto pensar

serem o sol, assim também aqui é correto pensar que essas duas coisas têm o aspecto do Bem, mas pensar que uma delas é o Bem não é correto; ao contrário, deve-se dar muito mais valor à postura do Bem.

G. Tu te referes a um Belo impossível, se ele fornece ciência e verdade mas está acima delas em beleza, pois, com certeza tu não estás dizendo que ele é o prazer.

S. Bom augúrio, disse eu, mas observa ainda mais esta imagem dele.

G. Como?

[b] S. Tu dirás, eu creio, que o sol não só fornece às coisas que são vistas (*cernuntur* – ὀρώμενα) a faculdade de serem vistas (*in conspectum veniendi* – ὀρᾶσθαι), mas também a origem, o crescimento e o alimento, mesmo não sendo ele a origem.

G. Como, pois?

S. Pois é; também para as coisas que são conhecidas tenhas claro que não só o ser conhecido está presente sob o efeito do Bem, mas também que o existir e a essência se acrescentam a elas, sob o efeito dele, não por ser o Bem uma essência, mas até estando de longe acima da essência em majestade e poder.

[c] E Glauco, rindo bastante, disse:

G. Por Apolo! Que sublime extravagância! Que exagero divino!

S. Pois és tu, disse eu, o culpado disso, ao forçar-me falar sobre as coisas que eu penso a respeito dele.

G. E não pares, de maneira nenhuma, disse ele, bem ao contrário, de discorrer sobre a semelhança em torno do sol; se é que, de algum modo, não estás deixando alguma coisa de lado.

S. Na verdade eu estou deixando de lado, e bastante.

G. Pois então não deixes nada de lado, por pequeno que seja.

S. Eu acho que sim, disse eu, e muito; contudo, quantas coisas forem possíveis no momento, por minha vontade, não deixarei de lado.

G. Não deixes não!

[d] S. Pensa então, disse eu, como estamos dizendo, que eles são dois e que regem, um, o gênero e o espaço inteligível (*intelligibili* – νοητοῦ), o outro, por sua vez, o visível (*visibili* – ὀρατοῦ) – para que eu falando do céu, não te pareça estar sofismando em torno do nome (ὀρανοῦ)!

Mas, então, tu tens essas duas visões (*species* – εἶδη), a visível (*visibile* – ὀρατόν) e a inteligível (*intelligibile* – νοητόν)?

G. Tenho.

S. Pois bem, é como, tendo tomado uma linha seccionada em dois segmentos desiguais, secciona novamente cada um dos segmentos segundo a mesma proporção, o do gênero que é visto (*visibile* – ὄρωμένου) e o do gênero pensado (*intelligibile* – νοουμένου), e, com nitidez e sem nitidez a ti estarão (tu terás), um em relação ao outro, no segmento que é visto (*visibili* – ὄρωμένῳ) o outro segmento: imagens (*imagines* – εἰκόνας). [e] E eu chamo imagens, em primeiro lugar, as sombras (*umbras* – σκιᾶς); a seguir, as aparições/projeções (*simulacra* – φαντάσματα) [510] nas águas e nos corpos, quantos, em sua consistência, são sólidos, lisos e brilhantes e tudo quanto é desse gênero, se é que estás me entendendo.

G. Mas sim, estou entendendo.

S. Pois bem, coloca o outro segmento que é parecido com esse: os seres vivos em torno de nós e o gênero que se planta e todo o que é fabricado.

G. Eu coloco, disse ele.

S. Acaso quererias afirmar, disse eu, que ele se distingue pela verdade ou pela não verdade: como o opinável está em relação ao conhecível assim também o feito semelhante está para ao que foi feito semelhante?

[b] G. Quanto a mim, sim, quereria muito.

S. Então observa agora o segmento do inteligível, de que maneira ele deve ser seccionado.

G. De que maneira?

S. Pela qual a alma, servindo-se como imagens das coisas então imitadas, é forçada a buscar uma parte dele a partir de hipóteses, dirigindo-se, não para o princípio, mas para a conclusão; e a outra parte dele, por sua vez, a sobre o princípio não hipotético, ela, indo a partir de uma hipótese, e sem as imagens (*sine imaginibus* – εἰκόνων) da outra, busca-o, fazendo seu caminho com as próprias imagens (*speciebus* – εἰδῶσι) e através das visões.

[c] G. Eu não estou entendendo bem o que estás dizendo.

S. Então vamos de novo e tu entenderás mais facilmente do que as coisas anteriormente ditas. Na verdade, eu acho que tu sabes que os que se ocupam da geometria, dos cálculos e coisas que tais, que supõem o par e o ímpar e as figuras e as três visões dos ângulos (*species* – εἶδη) e outras coisas irmãs dessas, segundo o método (*rationem* – μέθοδον) de cada uma, eles, como sabedores, tendo feito delas hipóteses, não acham importante dar mais nenhuma razão delas nem a eles

mesmos nem aos outros, por evidentes a qualquer um e, começando a partir dessas coisas e passando [d] pelas restantes, eles concluem coerentemente naquilo que eles buscam para observação.

G. É isso mesmo, eu sei muito bem.

S. Então tu sabes também que eles se aproveitam dessas visões que são vistas (*speciebus quae cernuntur* – τοῖς ὁρωμένοις εἶδεσι) e constroem seus discursos em torno delas, não raciocinando a respeito delas mas sobre aquelas às quais elas se parecem, construindo discursos por causa do quadrado em si e do próprio diâmetro mas não por causa daquele que [e] estão traçando e as outras coisas da mesma maneira; essas mesmas coisas que eles modelam e desenham, de que existem sombras e imagens nas águas (*umbrae et in aqua imagines* – σκιαί ... καὶ ἐν ὕδασι εἰκόνες), servindo-se delas como imagens (*imaginibus* – εἰκόσι), procurando ver aquelas mesmas que não poderiam se ver de outra maneira e não ser pelo raciocínio.

[511] G. É verdade o que estás dizendo, disse ele.

S. É essa a espécie visão² (*genus intelligibile* – νοητὸν εἶδος) do inteligível que eu dizia; que a alma é obrigada a se servir de hipóteses em torno da investigação a respeito dela, não indo para o princípio, como se não pudesse sair das hipóteses para o mais alto, mas servindo-se das próprias coisas imaginadas a partir das de baixo e a partir delas em relação às primeiras como de coisas julgadas e estimadas evidentes (*comparata com illis pró veris habentur*³, *eum locum sectione acceperunt* – τοῖς ὑπὸ τῶν κάτω ἀπεικασθεῖσι καὶ ἐκείνοις ὡς ἐναργέσι δεδοξασμένοις τε καὶ *τετμημένοις/τετιμημένοις).

[b] G. Estou entendendo que falas do que está sob as / implícito nas artes da geometria e das irmãs dela.

S. Pois bem, entende agora que eu estou falando do outro segmento do inteligível, desse, que a própria razão atinge pela força da dialética, fazendo das hipóteses não princípios, mas o que são, hipóteses, como degraus e lances, a fim de que, indo até o não hipotético, para o princípio do todo, depois de atingi-lo, de novo então, segurando-se nos que se seguram neles (*adhaerens* – ἐχόμενος), desça assim até à conclusão, não se apoiando (*utens* – προσχώμενος)⁴ [c] sobre nada sensível mas, nas próprias visões (*speciebus* – εἶδεσιν) e através delas e para elas e termina em visões (*species* – εἶδη).

G. Estou entendendo, mas não suficientemente; porque tu me parecees falar de uma operação especial. Pois eu entendo que tu queres definir que é mais seguro o que é contemplado do ser e do inteligível pela ciência da dialética do que pelas

chamadas artes, pelas quais as hipóteses são princípios e os que contemplam são obrigados a contemplá-las (*intueri* – θεᾶσθαι) pelo raciocínio (*cogitatione* – διανοίᾳ) mas não pelos sentidos (*sensibus* – αἰσθήσεσι) [d], e, pelo fato de observarem não subindo ao princípio mas a partir das hipóteses, eles não te parecem ter inteligência em torno dessas coisas, mesmo elas sendo inteligíveis com o princípio. Tu me pareces chamar raciocínio (*cogitationem* – διάνοιαν) a postura dos geômetras e dos do mesmo gênero, mas não inteligência (*intellectum* – νοῦν), como se o raciocínio (*cogitatio* – διάνοια) estivesse num espaço intermediário entre a opinião (*opinionem* – δόξις) e a inteligência (*intellectum* – νοῦ).

S. Tu apreendeste muito bem, disse eu. Toma agora sobre os quatro segmentos essas quatro sensações (*affectiones* – παθήματα) que nascem na alma: a intelecção (*intelligentiam* – νόησιν) [e] sobre o mais alto, o raciocínio (*cogitationem* – διάνοιαν) sobre o segundo, atribui a crença (*fidem* – πίστιν) ao terceiro e ao quarto a imaginação (*conjecturam* – εἰκασίαν) e ordena-os segundo uma razão, julgando terem desse modo participação da clareza aqueles nos que do mesmo modo é possível participar da verdade.

G. Estou entendendo, disse ele, e acompanhando e fazendo a ordenação como tu estás dizendo.

[VII 514] S. Então, depois disso, com esse tipo de afecção imagina a nossa natureza do ponto de vista da educação ou da falta de educação.

Pois bem; olha, numa habitação subterrânea em forma de caverna, tendo a entrada grandemente aberta para a luz ao largo de toda a caverna; e nela, uns homens estando desde crianças encadeados tanto nos membros quanto no pescoço de modo a permanecerem no mesmo lugar e olhar somente para frente e impossibilitados, pelas amarras, de mover a cabeça [b] em redor; e imagina uma luz brilhando-lhes a partir de um fogo de cima e de longe e de trás deles; e no espaço entre o fogo e os prisioneiros, em cima, uma passagem, ao longo da [c] qual, olha uma mureta construída e, como para os espetáculos de fantoches, está disposta diante dos homens uma cortina, por cima da qual eles fazem demonstrações de prodígios.

G. Estou vendo, disse.

S. Pois bem, observa ao longo dessa mureta homens portando objetos de todas as origens, ultrapassando a mureta; tanto estátuas quanto [515] outros animais de pedra e de madeira e toda a variedade de artefatos; e, com é natural entre os carregadores, uns estão falando e outros se mantêm em silêncio.

G. Estranho quadro e prisioneiros estranhos tu nos descreves.

S. Semelhantes a nós, disse eu; pois, em primeiro lugar tu achas que esses aí, a partir deles mesmo e dentre si, teriam visto outra coisa que não as sombras se projetando sob o efeito do foco da parte do fundo da caverna, na frente deles?

G. E como! disse ele, se eles estão forçados a [b] manter a cabeça imobilizada durante a vida!

S. E dos objetos transportados, não é a mesma coisa?

G. O que?

S. Se eles pudessem conversar entre si, tu não achas que eles acreditariam estarem nomeado como objetos reais, exatamente os que estivessem vendo?

G. Forçosamente.

S. E o que aconteceria se a prisão tivesse um eco, a partir da frente deles? No momento em que algum dos passantes produzisse um som, tu achas que eles julgariam o som algo outro se não a própria sombra passante?

G. Sim, por Zeus, acho que sim!

[c] S. Então, disse eu, de uma maneira total, esses aí não acreditariam o verdadeiro ser outra coisa do que as sombras dos objetos fabricados!

G. É completamente necessário, disse ele.

S. Observa, então, disse eu, a libertação e a cura deles das amarras e da ignorância, como ela seria se, por natureza este tipo de coisas lhes acontecessem: no momento em que algum fosse libertado e fosse forçado a levantar-se imediatamente e girar o pescoço e andar e dirigir a vista para a luz; ao fazer todas estas coisas ele sentiria dores e, por causa dos ofuscamentos, ele seria incapaz de enxergar aquelas coisas cujas sombras ele há pouco via. [d] O que tu achas que ele diria se alguém lhe dissesse que antes ele via futilidades e que agora algo mais próximo do real e, virado para diante de objetos mais reais, ele estaria vendo mais corretamente; e mostrando-lhe cada um dos objetos passantes, o forçasse, por perguntas, a responder o que são? Tu não achas que ele hesitaria e julgaria as coisas vistas antes mais verdadeiras do que as mostradas agora?

G. E em muito, disse ele.

Comentários

Relacionamos a seguir, seguindo a ordem de ocorrência no texto, algumas palavras cuja tradução latina apresenta problemas e explicaremos a nossa

opção. Para as formas nominais não nos incomodamos com o caso em que elas se apresentam, porque o que nós discutimos não é a função delas, mas o significado.

1. **ιδέα**: ocorre três vezes (507b8, 507e7, 508e4). É nitidamente um substantivo aoristo; tem significado pontual, como o tema de que deriva **ἰδ-**. Esse tema não tem *infectum*. A palavra “idéia” em português é a palavra *idea* em latim, que é um decalque de **ιδέα** em grego. É o instante pontual da percepção visual, isto é, da visão pela mente; mas é a visão ativa, de ponto de partida. Sócrates diz (507c1) que as idéias “são pensadas e não vistas”, **ιδέας νοεῖσθαι μὲν ὁρᾶσθαι δ’οὔ**.

2. **ὁρᾶσθαι**: é a voz passiva de “ver”, isto é, de ter os olhos abertos, atentos, como os da sentinela, isto é, de “olhar-enxergar”.

A tradução latina usa *cerni*, ser distinguido, discernido pela visão. É o que vemos na citação acima: “as idéias são pensadas, vistas (olhadas, enxergadas) não”.

Mas nem sempre a tradução latina mantém esse significado para as diversas formas de **ὁρᾶν** – **ὁρᾶσθαι**.

Por exemplo, **τὰ ὁρώμενα** – as coisas que são vistas, olhadas, é traduzido de diversas maneiras: 508a – *oculis objecta* – lançadas diante dos olhos; 508c6 – *quae uidentur* – que são vistas; 509b2 – *quae cernuntur* – que são discernidas; 510a6 – *speciebus quae cernuntur* – visões que são discernidas; 508d12 – *cernitur* – que é discernido; mas em 509d12 o tradutor nos traz **γένους ὁρωμένου** – *genus uisibile* – gênero visível, e 509d15 **τῷ [γένει] ὁρωμένῳ** – *in genere usibile* – no gênero visível.

Ora, o sufixo latino *-bilis, e*, adjetivo verbal, equivale ao sufixo do adjetivo verbal grego **-τός -ή -όν**, e exprime a potencialidade, a possibilidade de realização do ato verbal. Mas **ὁρώμενος** é o particípio *infectum* passivo “o que é visto, está sendo visto, olhado, enxergado”; e Sócrates detalha a seguir o que é esse gênero que “é visto”: 510a5 **τὰ περὶ ἡμᾶς ζῶα καὶ πᾶν τὸ φυτευτὸν καὶ τὸ σκευαστὸν ὅλον γένος** – “os seres vivos em torno de nós e todo o gênero que se pode plantar e todo o que se pode fabricar”.

É interessante notar também que nas três vezes em que o infinitivo passivo **ὁρᾶσθαι** é empregado como complemento nominal no genitivo, **τοῦ ὁρᾶσθαι**, o tradutor latino é obrigado a se servir de um circunlóquio: *in conspectum ueniendi* – a faculdade de vir diante do espaço do olhar, de serem vistas. Isso se explica pelo fato de o latim não ter artigo, ao contrário do grego

que o possui e o usa com todos os infinitivos, porque descarrega no artigo todas as funções do verbo-substantivo. Isso dá uma grande vantagem para o grego porque ele pode ter todos os infinitivos de todos os aspectos e vozes; o latim, por não ter artigo se vê na obrigação de criar uma flexão, mas só para o infinitivo ativo, dando-lhe o nome de gerúndio. Por isso, o emprego do infinitivo é muito menos freqüente em latim do que em grego.

É o que vemos neste texto, quando τοῦ ὁρᾶν, de ver, de olhar, ora é traduzido pelo genitivo do gerúndio *cernendí*, ora por outras formas, como *cernat*, e, ὁρῶσι por *cernunt* (507c11, 508a6, 508d2).

Mas, em 508e8 τοῦ ὁρᾶν αἴσθησις, o sentido (sensação) do ver, ele prefere *visus sensum* ao infinitivo *uidendi sensum* – o sentido da visão.

Quanto a ὁρατός (507e3, 508c4, 509d4, d6) ele traduz por *uisibile* – visível, o que é correto; mas em 507d3 ele traduz por *quod cernitur* – o que é distinguido, que é visto > visível, o que não é coerente; em 507e3 ἄόρατα o tradutor prefere *cerni non posse* a *inuisibilia* – invisíveis.

3. ὄψις: nas dez ocorrências há uma única tradução, coerente, para ὄψις – *uisus* – visão. É a raiz de ὀπ-, na expressão aorista e perfeita, semanticamente incompatível com o *infectum*. Como o sufixo –σις, –*tione*, –ção exprime o ato verbal, a ação de ver, a tradução está correta.

4. ὄμμα (507d6) – *oculis* – vista – ἐνοούσης ἐν ὄμμασιν ὄψεως – *praesente in oculis uisu* – existindo na vista a visão; 508d2 – ὄμμασιν – *oculis* – vista – καὶ τοῖς αὐτοῖς ὄμμασιν ἐνοῦσα φαίνεσθαι – *iisdemque his in oculis esse uisum apparet* – e a visão se revela estar na própria vista.

Aqui a raiz é a mesma de ὄψις, mas com o sufixo –ματ, que é o resultado da ação. A tradução latina por *oculis* – olhos é aceitável por ausência de outra palavra; mas devemos entender aqui *oculis* – olhos como depositários da faculdade de ver (a vista) e não olhos como instrumentos do ver e do olhar (ὀφθαλμοί – *oculos* – olhos, 508c6).

5. νοητός – νοούμενος: 508c2 νοητῶ – *intelligibile* – inteligível; 509d3 νοητῶ – *intelligibile* – inteligível; 509d7 νοητοῖ – *intelligibile* – inteligível; νοούμενος, 508c3 νοούμενα – *quae intelliguntur* – que são pensadas; 509d13 – νοουμένω – *intelligibile* – gênero pensado; 511a3 νοητὸν εἶδος – *genus intelligibile* – visão inteligível.

Aqui também há insegurança na tradução, entre inteligível – é pensado; às vezes um é traduzido pelo outro. Nós preferimos traduzir coerentemente: νοητός – inteligível; νοούμενος – que é pensado.

6. νοῦς: nas cinco ocorrências, a tradução latina emprega *intellectum* – inteligência.

7. εἶδος: 509b6 – εἶδη – *species* – visões; 510b12 – εἶδεσι – *speciebus* – visões; 510b13 – εἶδη – *species* – visões; 510c5 – εἶδη γωνίων – *species angulorum* – visões dos ângulos; 510d6 – ὁρωμένοις εἶδεσι – *speciebus quae cernuntur* – visões que são vistas; 511a3 – νοητὸν εἶδος – *genus intelligibile* – visão intelegível; 511c2 – εἶδεσι – *speciebus* – visões; 511c3 – εἶδη – *species* – visões.

Como ιδέα é um substantivo aoristo, εἶδος é um substantivo *infectum*. É uma palavra formada sobre o tema *εἶδ- do *infectum* e o sufixo nominal –εσ –ος, de nomes neutros de significado abstrato, que exprimem o efeito ou o produto da ação, contida no tema verbal.

É o caso, por exemplo, também de γᾶθος, alegria, construído sobre o tema verbal γηθ-, alegrar-se; de ἔχθος, repulsa, ódio, inimizade, construído sobre o tema verbal ἐχθ-, odiar, sentir repulsa de; ou, πάθος / πένθος sofrimento, afecção, construído sobre o tema verbal παθ-.

Mas, no caso de εἶδος, o tema verbal *infectum* *εἶδ- passa esse alargamento semântico para εἶδος. A tradução latina *species* é válida, porque dá uma idéia de “percepção do aspecto exterior na sua extensão”, e mais ou menos consagrada, numa oposição εἶδος / γένος – *species* / *genus*, *species* para a forma aparente, *infectum*, e *genus* para a visão *aorista* do efeito ou produto do “vir a ser, nascer”. Essa dicotomia passou a ser empregada nas ciências biológicas: gênero (raça) / espécie (forma aparente).

Por isso, no caso em tela, preferimos traduzir εἶδος por visão, aparição, idéia, concepção, forma aparente, noção do latim *uisio*, sonho, simulacro, forma aparente, e não no sentido de *uisus*, sentido da visão, faculdade de ver ὄψις.

8. διάνοια (510e6, 511c11, 511d5, 511d7, 511e2) – *cogitationem* – raciocínio. Há coerência nas traduções.

9. εἰκῶν (509a16, 510e3, 510e4, 510b10) – *imago* – imagem (aproximação). Também aí, há coerência nas traduções.

10. γιγνώσκομενοις (508e2) – *quae intelliguntur* – que vão sendo conhecidas; γιγνώσκοντι, 508e3, – *intelligenti* – ao que toma conhecimento (conhece).

Parece que nesses dois casos o tradutor latino não viu a diferença entre μαθ- / μαθάνω, eu entendo, aprendo; γνω- / γινώσκω, eu tomo co-

nhcimento, conheço; e, νοῶ(ε) – eu penso, exerço o intelecto, a inteligência.

11. νόησιν (511e1) – *intelligentiam* – inteligência. Discordamos do tradutor latino porque *intelligentiam* é a faculdade de pensar, e νόησις é o ato de pensar, daí preferirmos “intelecção”.

12. δόξις (511d8) – *opinionem* – o que parece, opinião.

13. παθήματα (511d12) – *affectiones* – afecções (sentimentos, sensações).

14. πίστιν (511e3) – *fidem* – crença, mais concreto do que “fé”, muito contaminada pelo vocabulário teológico cristão.

15. εικασίαν (511e4) – *conjecturam* – imaginação (projeção, conjectura).

16. παιδείαν (514a3) – *eruditionem* – educação (formação pela informação); erudição é outra coisa.

17. ἀπαιδευσίας (514a4) – *ejus contrarium (eruditionem)* – falta de educação (isto é, de formação pela informação).

Conclusão

Essas considerações, como disse no início, são frutos de discussões e pesquisas em sala de aula e mostram de alguma forma que, se o estudioso quer de fato penetrar no pensamento de Platão, não deve confiar cegamente na primeira tradução que lhe vem à mão. Nem na nossa!

E mais, para quem quer estudar e entender de filosofia (e sem filosofia grega não se entende de filosofia), é absolutamente necessário que o filósofo tenha formação em Língua Grega!

NOTAS

* Professor de Língua e Literatura Grega do Curso de Graduação da FFLCH-USP.

1 Esse jogo entre ὄρατός e οὐρανός, visível e céu só é perceptível em grego.

2 As traduções francesas, castelhana e portuguesa traduzem por “classe”.

3 Essa variante do texto latino foi abandonada, com razão, pelos editores modernos, por estar incompleta.

- 4 Na edição Didot temos *προσχωμένους*, *utens*, servindo-se de, que todas as traduções recentes reproduzem e traduzem como a edição latina; mas as edições recentes, Les Belles Lettres, Oxford, têm *προσχωμένους*, acumulando-se sobre, apoiando-se sobre, que é a nossa tradução, mas não é a delas que continuam traduzindo “servindo-se de”.

MURACHCO, Henrique Graciano. *Platon. République, VI 506 d 6 – VII 515 d 9: proposition d'une traduction linéaire.*

RÉSUMÉ: *Nous étudions dans cet article les problèmes de traduction des auteurs grecs dans les langues modernes, surtout dans les langues latines. La plupart des traductions modernes suivent le modèle et le vocabulaire des traductions latines. Or il y a deux problèmes du latin: la pauvreté en infinitifs et participes. En plus, les traductions manquent souvent de cohérence et traduisent le même mot grec de plusieurs façons. Soit, il s'agit de “voir, regarder, être vu”, “vision, oeiul, vue”, “visible, vu”.*

MOTS-CLÉS: *voir; regarder; être vu; vision; oeiul; vue; visible; vu.*